

ode à petulância | thiago souza santos*

Günther Freitag, Jean Barraué, Emile Armand. *Max Stirner e o anarquismo individualista*. Coleção Escritos Anarquistas. São Paulo, Ed. Imaginário, Nu-sol e Iel, 2003, 91 pp. Tradução de Plínio Augusto Coêlho.

*Sou o inimigo mortal do Estado, colocando-o sempre
diante da seguinte alternativa: Ele ou Eu.*

Max Stirner

“Eu fundo minhas coisas em nada”. Assim Max Stirner inicia e termina sua única obra *O único e a sua propriedade*. Max Stirner é o pseudônimo de Johann Kaspar Schmidt, filósofo alemão, nascido no ano de 1806, em Bayreuth. Manteve relações com o círculo berlinense dos “homens livres”, que segundo o próprio Stirner “querem precisamente ser livres, livres de toda crença, de toda tradição e de toda autoridade”. Casou-se em 1837 com Agnes. Um ano depois ela morre durante o parto, assim como o recém-nascido. Em 1843 Stirner casa-se novamente, desta vez com Marie Dähnhardt, a quem dedica o livro *O único e a sua propriedade*.

A vida intelectual de Stirner intriga. Entre os anos 1841 e 1844 ele mostra muita força e vitalidade escrevendo diversos artigos para os jornais *Rheinische Zeitung* [Gazeta Renana] e o *Leipziger Allgemeine Zeitung* [Gazeta Geral de Leipzig], culminando, em 1844, com o

* Estudante de Ciências Sociais na PUC-SP, bolsista CNPq de iniciação científica e integrante do Nu-Sol.

livro *O único e a sua propriedade*. A produção literária de Stirner dos anos seguintes foi basicamente em torno de algumas traduções de obras de J. B. Say (1845), Adam Smith (1846) e Proudhon (1847) — além de alguns textos respondendo a seus críticos. Em 1848 colaborou ainda com alguns artigos para o *Journal de Oesterreichischen Lloyd*. Seus últimos anos de vida foram em total miséria. Perseguido por credores, e diversas vezes preso por dívidas, morre em 26 de Junho de 1856 devido à picada de uma mosca *salvadora*.

É precisamente sobre esta singular personalidade a abordagem do presente livro *Max Stirner e o anarquismo individualista*. São cerca de 90 páginas de um ousado convite a nos deliciarmos na petulante filosofia de *O único*. Para tanto quatro autores nos mostram, com todo o vigor necessário, um pouco da vida e da obra deste autor único chamado Max Stirner.

Edson Passetti abre o livro apresentando o autor e mostrando que Stirner não pode ser apanhado como anarquista, seria mais preciso dizer que ele é um anarquista nos anarquismos; mostra também como “a imediata oposição entre individualismo e coletivismo exala de imediato uma enjoativa fragrância acadêmica” (p. 7). Permanecer afirmando esta distinção entre individualista e coletivista “é uma questão acadêmica, platônica” (p. 9), que não está apenas nas academias, mas antes, difundida pela sociedade.

Günther Freitag pretende, assim como o título de seu artigo já nos indica, fazer algumas observações acerca da vida e da obra de Max Stirner. Para tanto o autor faz um minucioso percurso pela vida de Stirner, atravessando seu fracasso na tentativa de obter o título de *Staatsexamen* (Professorado), obtendo apenas a *facultas docendi limitada*. Trata, também, da participação de Stirner no círculo dos Homens Livres até iniciar al-

gumas análises sobre sua obra. Para Freitag, “a obra de Stirner não é senão uma afirmação, uma descrição de seu Eu. Um Eu que se livrou de todas as cadeias de que tentavam carregá-lo os possessos de idéias ‘fixas’. Sua obra não era a exposição de uma nova teoria, mas o manifesto de uma prática. Não é, portanto, uma nova ideologia ou um sistema, mas, ao contrário, um modelo de vida que Stirner dá a seus leitores como um viático” (pp. 33-34).

A investida de Jean Barraué é em uma proposta de leitura da obra *O único e a sua propriedade*. Nesta sua leitura o autor nos presenteia com algumas importantes considerações. As questões apontadas por Barraué são atuais e permitem a continuação de importantes debates envolvendo temas como associação-sociedade, a liberdade, o Estado, o partido, revolução-insurreição. Barraué se mostra um atento leitor ao dar a devida importância aos sentidos etimológicos. Atenção presente quando Stirner trata da questão da revolução-insurreição. Segundo Barraué, ele empresta a palavra francesa *révolution*, de origem latina. À “palavra Revolução Stirner opõe *Empörung* cujo sentido habitual é revolta, rebelião. (...) Por *Empörung*, o Único ergue-se e o Eu desenvolve-se. Sentido conforme a presença do prefixo *empor* que marca o movimento para cima” (p. 68). Desse modo, enquanto a revolução vem colocar uma nova ordem nas coisas, seja por meio de um novo Estado ou da manutenção da idéia de sociedade, a insurreição pretende que o indivíduo se eleve, e não seja mais dominado por qualquer ordem.

Armand é incisivo em seu “Prefácio de o único”. Ele mostra que Stirner nunca se encontrou em uma posição segura, esteve sempre no limite, no risco, e que “para recolocar o indivíduo em seu determinismo natural, ele [Stirner] se dedica a abalar todos os pilares

sobre os quais o homem de nosso tempo edificou sua morada de membro da Sociedade: Deus, Estado, Igreja, religião, causa, moral, moralidade, liberdade, justiça, bem público, abnegação, devotamento, lei, direito divino, direito do povo, piedade, honra, patriotismo, justiça, hierarquia, verdade, em resumo, os ideais de toda espécie. Esses ideais, os do passado bem como os do presente, esses ideais são ‘fantasmas’ emboscados em ‘todos os cantos’ de sua mentalidade, que se apoderaram de seu cérebro, ali se instalaram e impedem o homem de seguir seu determinismo egoísta” (pp. 84-85).

Stirner não abre qualquer concessão, e nos possibilita uma importante problematização do anarquismo, nos advertindo que não se devem tomar abstrações como novos *standards* nos quais se sustentam novas verdades verdadeiras. Somos nós, e apenas nós, que criamos as leis, a idéia de liberdade, de justiça, de respeito à propriedade, o motivo por trás das coisas. Ao introduzirmos nas coisas estes valores como se fossem próprios deles mesmos, como se fossem algo natural, agimos como os fracos sempre fizeram, ou seja, convictos, crentes. E assim tem sido com muitos anarquismos que não ousaram enfrentar a moral e frente a esta se curvaram; mantendo inabalado um ideal, um absoluto chamado *sociedade*. Neste sentido o pilar da nova sociedade será pautado em novas abstrações: justiça, liberdade, igualdade, sociedade; nada mais que fantasmas. Um mundo *fantasmagórico* não tão diferente do belo universo cristão.

Há aqui uma extrema petulância nas palavras, mas talvez a própria vida e obra de Stirner seja uma ode à petulância. Isso porque cada trecho, cada página, cada palavra de sua obra é recheada de inquietude, perturbação, risco. Não é para qualquer um, e nem mesmo “para ser admirado, é *uns* de nós”. E talvez por isso

Miríades de associações: arcos abertos...

mesmo Stirner seja tão insuportável para alguns. Ele é um desassossego frente aos verdadeiros; uma inquietude aos que buscam certezas; um demolidor aos que procuram um local seguro para criar morada. Lançar-se na leitura de Stirner é se lançar no risco iminente. É preciso, antes de tudo, desvencilhar-se de certezas, abandonar consolos e renunciar à segurança.

miríades de associações: arcos abertos e conectados a flechas certeiras

silvana tótora*

Edson Passetti. *Éticas dos amigos, invenções libertárias da vida*. São Paulo, Editora Imaginário/Capes, 2003, 293 pp.

Pensar sem pensamento. Corte que possibilita uma entrada em um texto que se movimenta no limite do caos, sem temer o disparatado, o paradoxo, desterritorializando a fixidez e o conforto das representações universalistas. Uma escrita que resiste a ser domada por sínteses totalizantes, que seleciona os leitores — alguns e não todos — dispostos a se abrir às multiplicidades mutáveis que dispararam problemas e

* Professora no Depto. de Política e vice-coordenadora do PEPG-Ciências Sociais da PUC-SP.